

**A possibilidade de observação da fauna no Parque Estadual de Vila Velha (Ponta Grossa, Paraná, Brasil)<sup>1</sup>**

**The possibility of wildlife watching in Vila Velha State Park (Ponta Grossa, Paraná, Brazil)**

**Fernanda Karina Haura**

Mestre em Turismo pela Universidade Federal de Paraná, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9345-8372>

E-mail: [fernandahaura@gmail.com](mailto:fernandahaura@gmail.com)

**Tatiane Ferrari do Vale**

Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2624-9747>

E-mail: [tatianefdovale@gmail.com](mailto:tatianefdovale@gmail.com)

**Jasmine Cardozo Moreira**

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Professora adjunta do Departamento de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8127-2184>

E-mail: [jasmine@uepg.br](mailto:jasmine@uepg.br)

**Resumo**

A observação da fauna, que engloba a observação de animais selvagens em seus habitats naturais, é uma atividade praticada em unidades de conservação (UC). Além de proporcionar benefícios econômicos, essa prática também contribui para a saúde física e mental. O objetivo deste estudo foi apresentar dados sobre a observação da fauna em uma área protegida que permite visitação diurna e também oferece atividades noturnas. Para desenvolver este trabalho, adotou-se uma abordagem multi-método, combinando observa o *in loco*, análise de estudos anteriores e imagens de câmeras de segurança do Parque Estadual de Vila Velha (PR). Assim, foram apresentados dados sobre a observa o de animais, além de informa es sobre as estratégias de comunica o e interpreta o ambiental na UC. Concluiu-se, portanto, que a UC possui potencial para a

---

<sup>1</sup> Este artigo   uma versão ampliada de um trabalho apresentado e publicado nos anais do 17  Fórum Internacional de Turismo em 2023.

observação da fauna, embora ainda não ofereça atividades estruturadas especificamente para essa prática.

**Palavras-chave:** Ecoturismo. Turismo. Áreas Protegidas. Unidades de Conservação. Biodiversidade.

### **Abstract**

Wildlife observation, which involves observing wild animals in their natural habitats, is an activity that can be practiced in conservation units. In addition to providing economic benefits, this practice also contributes to physical and mental health. The objective of this study was to present data on wildlife observation in a protected area that allows daytime visitation and also offers nighttime activities. To conduct this work, a multi-method approach was adopted, combining on-site observation, analysis of previous studies, and footage from surveillance cameras at the Vila Velha State Park (PR). Data on animal observation were presented, along with information on communication and environmental interpretation strategies within the conservation units. It was concluded that the conservation unit has potential for wildlife observation, although it does not yet offer structured activities specifically for this practice.

**Keywords:** Ecotourism. Tourism. Protected Areas. Conservation Units. Biodiversity.

## **1 INTRODUÇÃO**

O Parque Estadual de Vila Velha (PEVV) é uma unidade de conservação (UC) localizada no Paraná, especificamente na região dos Campos Gerais, no município de Ponta Grossa. Situa-se a aproximadamente 100 quilômetros da capital, Curitiba, e abrange uma área de 3.122,11 hectares (IAP, 2004). O parque possui três atrativos principais abertos à visitação pública: os Arenitos, as Furnas e a Lagoa Dourada. Esses locais, com características geológicas singulares (Guimarães *et al.*, 2012), abrigam uma fauna diversificada (IAP, 2004). Embora nem todos os animais sejam visíveis durante o dia, é possível observar pegadas e outros vestígios de sua presença.

A observação da vida selvagem e da fauna é uma prática comum em áreas protegidas. Segundo Brumatti (2013), a observação da vida selvagem faz parte do turismo de vida selvagem, sendo a observação da fauna uma prática específica dentro desta subcategoria. Essa atividade ecoturística pode ser realizada em conjunto com outras práticas ou modalidades turísticas. Alguns turistas buscam a observação de animais em safáris fotográficos, trilhas ou como uma atividade educativa, dependendo do local visitado. No entanto, essa prática ainda não é plenamente desenvolvida em UC como o Parque Estadual de Vila Velha.

Portanto, o objetivo deste estudo foi apresentar dados sobre a observação da fauna em uma área protegida classificada como parque estadual, que permite visitação diurna e oferece atividades noturnas aos visitantes. O estudo também visa contribuir para a discussão sobre esse tipo de observação no PEVV, utilizando uma abordagem multi-método. Foram incluídas informações sobre estratégias de comunicação e interpretação ambiental, bem como registros fotográficos de câmeras de segurança que capturaram imagens da fauna selvagem de Vila Velha durante a noite. Essas imagens foram registradas em 2022 e 2023 e cedidas pela *Soul Vila Velha*, além de dados coletados diretamente com visitantes em 2015.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

"Vida selvagem" é um termo abrangente que inclui tanto a flora quanto a fauna, embora seja frequentemente usado para se referir principalmente aos animais selvagens. A observação da vida selvagem, em geral, refere-se à observação de animais e se distingue de outras atividades, como caça e pesca. Essa prática envolve principalmente a observação, mas, em alguns casos, pode incluir interação com os animais, como tocar ou alimentá-los. Dessa forma, o turismo de observação da vida selvagem é organizado e realizado com o propósito de observar a vida selvagem (UNEP; CMS, 2006).

A observação da fauna pode ser descrita, segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010), como a atividade que se relaciona ao comportamento e habitats de determinados animais. O órgão classifica as atividades realizadas conforme o tipo de fauna observada, como demonstrado no quadro 1.

**Quadro 1 - Atividades realizadas no âmbito da observação de animais**

Atividade	Descrição
Aves	A atividade conhecida como <i>birdwatching</i> , demanda equipamentos específicos, cujo uso não é imprescindível, mas facilita e aumenta o aproveitamento da atividade. Possui perspectiva de se configurar como produto de destaque no mercado internacional, já que o País ocupa o terceiro lugar no mundo em matéria de diversidade no gênero.
Mamíferos	O Brasil possui um número significativo de espécies de mamíferos do mundo, apresenta espécies consideradas ícones da fauna nacional, como a onça-pintada, o tamanduá-bandeira, a anta e o lobo-guará. Apesar da observação de determinados animais – especialmente os de hábito solitário, discretos e com atividade noturna ou crepuscular – ser difícil, é possível identificá-los e, de certa forma, conhecê-los, mesmo sem vê-los de fato, por meio da observação indireta de seus rastros (tocas, trilhas, restos alimentares, fezes e pegadas).
Cetáceos	Os cetáceos são baleias, botos e golfinhos. Esta prática é conhecida como <i>whale-watching</i> ou <i>dolphin watching</i> . Pode ocorrer a partir de estações em terra (na costa e beiras de rios e lagos), de embarcações ou mergulhando. Nesse caso, merece atenção a regulamentação específica que reúne medidas para possibilitar a observação sem perturbar o ambiente e sem comprometer a experiência do turista.
Insetos	Muito desenvolvida em outros países, como nos Estados Unidos, a observação desses animais vem ocorrendo no Brasil ainda timidamente – borboletas, vespas e abelhas, formigas, besouros, moscas, etc. No processo de identificação de insetos também são analisados vestígios e aspectos – folhas utilizadas para alimentação, lagartas, vermes e crisálidas.

Répteis e anfíbios	O Brasil é considerado o primeiro em espécies de anfíbios e o quarto em répteis. Podem ser observadas salamandras, sapos, rãs, pererecas, tartarugas, jacarés, lagartos e cobras.
Peixes	A observação geralmente ocorre pela flutuação ou mergulho, com ou sem o uso de equipamentos especiais, em ambientes marinhos ou de água doce. Além de seu reconhecido papel nos ecossistemas aquáticos, os peixes têm forte apelo estético para atração de visitantes. Merecem destaque os atrativos turísticos em rios de regiões calcárias (como por exemplo, na Serra da Bodoquena/MS) e as piscinas naturais presentes em todo o País.

Fonte: BRASIL, 2010

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2023), “A observação da vida silvestre é a prática de observar/contemplar uma área natural ou especificamente alguns de seus elementos da fauna e flora”. Os principais riscos associados a essa atividade variam conforme o tipo de observação realizada, seja em terra — em campos de altitude, florestas, cerrados, etc. — ou na água — em mares, lagoas, alagados. Os riscos inerentes incluem quedas, torções, picadas de animais peçonhentos, arranhões, insolação, entre outros. Entre os benefícios, destacam-se os efeitos terapêuticos (Cable; Udd, 1988; Curtin, 2009).

As áreas protegidas, denominadas unidades de conservação no Brasil, estão entre os melhores locais para a observação de animais, pois são espaços que geralmente adotam diretrizes voltadas para a segurança dos animais e dos visitantes. Conforme o Serviço de Parques Norte-Americano (NPS, 2023), os parques nacionais oferecem uma experiência única, permitindo aos visitantes observar os animais vivendo e interagindo em seus habitats naturais. No Parque Nacional Gunung Mulu, na Malásia, câmeras instaladas dentro de uma caverna monitoram as atividades dos morcegos, que deixam essa cavidade subterrânea diariamente ao final da tarde para se alimentarem. Muitos visitantes procuram o local especificamente para observar esses animais.

No Parque Nacional de Anavilhanas, no Brasil, a observação do boto-rosa (*Inia geoffrensis*) é um dos principais atrativos turísticos. Conforme Vidal *et al.* (2021), embora haja críticas ao modelo de alimentação devido ao potencial impacto no comportamento natural de caça desses cetáceos, a maioria dos visitantes acredita que o turismo envolvendo os botos contribui para a preservação da espécie, promovendo a sensibilização e conhecimentos importantes sobre os botos. No Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, percebe-se a necessidade de sensibilizar os visitantes sobre a importância dos animais observáveis. A participação pública é permitida de maneira controlada em atividades como a "Captura Científica de Tartarugas Marinhas" e a observação de golfinhos na Baía dos Golfinhos (Moreira *et al.*, 2019).

Com o aumento do uso de mídias digitais, uma iniciativa de destaque é o *site* interativo "Biofaces", dedicado à publicação de fotos, sons, vídeos e estudos sobre animais, possibilitando também a comunicação entre usuários (Biofaces, 2023). Outras plataformas, como o "Essex Wildlife Trust", oferecem a observação ao vivo de alguns animais, incluindo a coruja-das-torres (*Tyto alba*), o texugo-europeu (*Meles meles*), o esquilo-vermelho (*Sciurus vulgaris*), entre outros (The Wildlife Trusts, 2023).

### 3. ÁREA DE ESTUDO: PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

O Parque Estadual de Vila Velha é classificado como uma UC de Proteção Integral, categoria que, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000), possui um forte enfoque preservacionista. Localizado no município de Ponta Grossa, Paraná, o parque está a aproximadamente 100 km da capital do estado, Curitiba. Criado pela Lei Estadual nº 1.292, de 12 de outubro de 1953 (PARANÁ, 1953), abrange uma área de 3.122,11 hectares (IAP, 2004).

O parque possui três principais atrativos naturais, cada um com características singulares que servem de refúgio para a vida selvagem. A UC oferece diversas atividades aos visitantes, incluindo arborismo, balão estacionário, caminhadas noturnas, cicloturismo e tirolesa, além de trilhas como a da Lagoa Dourada, da Fortaleza, das Furnas e dos Arenitos (Vale; Haura; Moreira, 2022). A diversidade faunística do PEVV é notável. O Plano de Manejo da unidade destaca a presença de 19 espécies de anfíbios, 323 espécies de lepidópteros, 25 espécies de mamíferos, 60 espécies de répteis e 233 espécies de aves (IAP, 2004). Segundo Melo *et al.* (2002), o ecossistema do parque abriga uma fauna rica, associada à Província Faunística Guarani (Mello-Leitão, 1947), incluindo espécies ameaçadas de extinção, como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*).

Em março de 2020, a *Soul Vila Velha* assumiu a concessão de uso público do parque. O processo de concessão foi facilitado pelo período de confinamento e fechamento de estabelecimentos devido à pandemia de Covid-19, permitindo uma adaptação mais eficiente da infraestrutura para receber os visitantes. Segundo o Plano de Manejo (IAT, 2004) e Vale, Moreira e Haura (2022), a visitação turística no PEVV antecede sua designação como UC, com registros mais organizados indicando 417.702 visitantes entre 1997 e 1999. Após uma queda acentuada em 2020 devido à pandemia, a visitação aumentou 96,1% em 2021, com 71.134 visitantes registrados em 2022, conforme dados fornecidos pela concessionária.

Os Arenitos (Figura 1) constituem o atrativo mais visitado do parque. Moldadas ao longo de milhões de anos pela erosão natural, essas formações rochosas adquiriram formas que, para alguns, lembram objetos e animais, como a "Taça", "Bota", "Garrafa", "Leão" e "Camelo" (Melo *et al.*, 2004).

A "Trilha dos Arenitos" é pavimentada com quartzito, também conhecido como "Pedra São Tomé", e divide-se em duas opções: "meia trilha" e "trilha completa". A "meia trilha" permite aos visitantes observar as formações rochosas, culminando na "Taça", o principal símbolo do parque. Na trilha completa, a visita se estende por uma área onde é possível caminhar e apreciar a vegetação nativa da Floresta Ombrófila Mista (Haura, 2020). A trilha tem uma extensão de 2.700 metros, com um limite de 815 visitantes por dia (IAT, 2004).

As Furnas, o segundo atrativo mais popular do parque, são grandes poços de desabamento ou cavernas verticais formadas por processos de dissolução e erosão mecânica (Melo; Coimbra, 1996). Essas formações propiciam o surgimento de grandes depressões, que podem incluir lagoas ou áreas secas, resultantes de profundos processos erosivos subterrâneos (Melo *et al.*, 2004). No parque, é possível visitar a Furna 1, também conhecida como "Furna dos Andorinhões", e a Furna 2, ou "Furna dos Lambaris".

**Figura 1 - Formação dos Arenitos Vila Velha**

Fonte: Fernanda Haura, 2023

A Furna dos Andorinhões possui um elevador panorâmico fora de operação desde 2001, que levava os visitantes a uma plataforma flutuante, ainda visível no local. Do mirante, é possível observar o andorinhão-de-coleira-falha (*Streptoprocne biscutata*), cuja revoada ao entardecer proporciona um espetáculo impressionante. Já na Furna 2, encontra-se o Lambari-da-furna (*Psalidodon* aff. *fasciatus*), uma espécie endêmica e ameaçada de extinção, o que torna o local um laboratório natural para estudos de genética de populações e evolução (Artoni; Almeida, 2001).

**Figura 2 - Furna 1, ou “Furna dos Andorinhões”, com a estrutura do elevador desativada**

Fonte: Fernanda Haura, 2020

A Lagoa Dourada (Figura 3) se originou pelo mesmo processo que forma as Furnas, sendo alimentada pelas águas dessas cavidades e desaguando no Rio Guabiroba

por meio de um canal de 150 metros. Embora o nível das águas seja equivalente ao das Furnas, a diferença no relevo do terreno faz com que as Furnas se apresentem como crateras profundas (Melo; Giannini; Pessanda, 2000; Melo, 2002).

**Figura 3 - Lagoa Dourada**



Fonte: Fernanda Haura, 2020

A Lagoa Dourada serve como refúgio para espécies de peixes, que encontram abrigo no local devido ao baixo número de predadores. A pesca é proibida na lagoa. Segundo Melo (2002), a Lagoa Dourada é um local de interesse científico, tanto para o estudo da gênese das feições do tipo fuma quanto para o registro das variações paleoambientais e paleoclimáticas quaternárias da região.

#### **4. INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA**

As abordagens de interpretação ambiental frequentemente estão associadas à observação da biodiversidade e geodiversidade. Segundo Caetano *et al.* (2018), embora essas abordagens possam ser utilizadas em diversos contextos para sensibilizar diferentes públicos, foram inicialmente concebidas para atender visitantes em áreas naturais, museus, locais históricos e culturais. Para os autores, o público-alvo principal são os indivíduos que optam por visitar esses locais durante seu tempo de descanso ou lazer, tendo a liberdade de escolher se desejam ou não participar das atividades interpretativas oferecidas.

Caetano *et al.* (2018, p. 16) definem a interpretação ambiental como "um conjunto de estratégias de comunicação destinadas a revelar os significados dos recursos ambientais, históricos e culturais, a fim de provocar conexões pessoais entre o público e o patrimônio protegido." Nesse contexto, avalia-se que tais estratégias de comunicação, além de aumentarem a sensibilização dos visitantes sobre a conservação da natureza, podem potencializar suas experiências ao facilitar a construção de conexões mais profundas e significativas com os locais visitados.

Santos e Moreira (2023) sugerem que, para melhorar a experiência dos visitantes, o PEVV poderia implementar ações para aprimorar os meios interpretativos.

Os autores consideram que os meios atualmente existentes orientam o comportamento dos visitantes durante a trilha, mas não explicam as consequências de suas ações. Para mudar isso, os monitores poderiam incluir explicações adicionais durante as orientações. Eles também recomendam que o ônibus de transporte interno, equipado com uma televisão, seja utilizado para exibir vídeos interpretativos, estimulando os visitantes a refletir sobre questões ambientais durante o trajeto pela UC.

Vale, Haura e Moreira (2022) acreditam que o uso de tecnologias, como a realidade aumentada, por meio de vídeos que reconstituem a história geológica do parque, pode auxiliar na interpretação do patrimônio geológico. Assim, sugere-se que investir em estratégias de paleoarte para retratar espécies extintas da região, como a anta (*Tapirus terrestris*), poderia ser interessante e atrativo. Em um estudo realizado por Moreira *et al.* (2017) sobre a interpretação ambiental no parque, foi evidenciado que a maioria dos entrevistados (45%) prefere painéis interpretativos e se mostra satisfeita com os meios interpretativos atuais. No entanto, os autores destacam a importância de investir em novas estratégias de interpretação ambiental, visando despertar o interesse do público jovem.

Nesse sentido, destaca-se a existência de painéis na UC. No que se refere à interpretação do patrimônio geológico, o núcleo dos Arenitos apresenta, no início da trilha, dois painéis: o primeiro (Figura 4A) aborda a história geológica do local, enquanto o segundo (Figura 4B) detalha os processos de formação das rochas areníticas. Essas informações são ilustradas nas figuras a seguir.

**Figura 4 - Painéis interpretativos no início da trilha dos Arenitos**

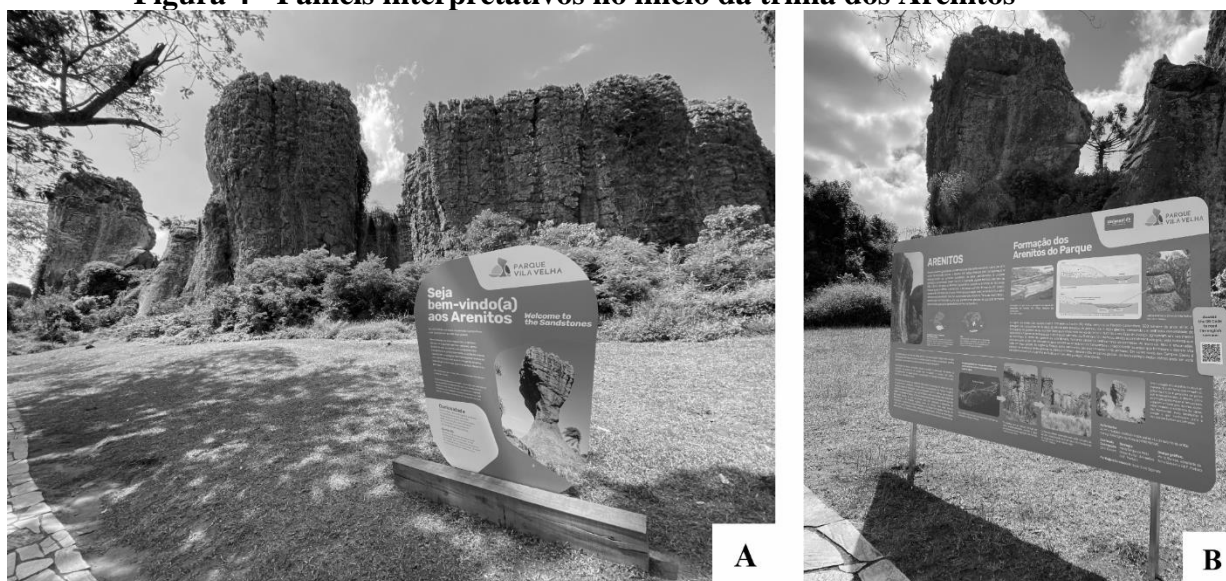


Figura 4A - Painel interpretativo sobre a história do Parque.

Figura 4B - Painel interpretativo sobre a geologia local e formação das rochas areníticas.

Fonte: Fernanda Haura, 2023

As informações presentes no painel sobre a formação dos arenitos do parque (Figura 4B) foram elaboradas pela Mineropar (atualmente renomeada como Instituto Água e Terra - IAT), que desenvolveu esses recursos em 2004 com o objetivo de fornecer informações geológicas ao público. Com o passar dos anos, os painéis sofreram um processo significativo de deterioração. Após o início da concessão do parque em 2020, foi realizada uma renovação desses painéis pelo IAT, incorporando uma nova identidade visual compatível com a atual imagem do parque.



Outro meio interpretativo disponível no local inclui informações sobre as Furnas (Figura 5A), detalhando os processos geológicos envolvidos. Assim como nos Arenitos e nas Furnas, a Lagoa Dourada também possui dois painéis de interpretação: um sobre a história do local, localizado no início da trilha, e outro sobre sua formação geológica. A Figura 5B ilustra o painel sobre a formação geológica, que está situado no mirante da Lagoa.

**Figuras 5 - Painéis geológicos sobre as formações das Furnas e Lagoa Dourada**



Figura 5A - Painel interpretativo com informações sobre a geologia das "Furnas".

Figura 5B - Painel interpretativo com informações geológicas sobre a "Lagoa Dourada".

Fonte: Fernanda Haura, 2023

Em 2023, o PEVV lançou mascotes como forma de incentivo à proteção da fauna (Figura 6). Um dos mascotes representa o Lambari-da-furna (*Psalidodon aff. fasciatus*) (Figura 6A), uma espécie endêmica do local, enquanto o outro simboliza o Carcará (*Caracara plancus*) (Figura 6C), um falcão frequentemente avistado no parque pelos visitantes.

Figura 6 - Mascotes do Parque Estadual de Vila Velha



Figura 6A - Luigi, o Lambari-da-furna, mascote científico do PEVV, representa o *Psalidodon aff. fasciatus*, uma espécie endêmica.

Figura 6B - Descrição de Luigi, representando o Lambari-da-furna.

Figura 6C - Cacá, o Carcará, mascote científico do PEVV, representa o *Caracara plancus*. Figura 6D - Descrição de Cacá, representando o Carcará.

Fonte: Soul Vila Velha, 2023

O Lambari-da-furna (*Psalidodon aff. fasciatus*) destaca-se como uma espécie representativa do Parque, pois é endêmica e habita exclusivamente a Furna do Lambari. De acordo com Shibatta e Artoni (2005), a origem dessas populações é incerta, não se sabendo se são naturais, derivadas de riachos que passavam pela região ou se foram introduzidas. Segundo os autores, apesar disso, a presença desses lambaris nas furnas torna essa região de grande interesse para estudos evolutivos. Além disso, o possível isolamento populacional por vicariância, associado a eventos geológicos, é um dos fatores que podem promover a especiação por alopatria.

O Carcará (*Caracara plancus*), um parente distante dos falcões, é uma espécie generalista em termos alimentares, consumindo carcaças, répteis, anfíbios, outras aves, resíduos orgânicos e até mesmo itens como amendoim e feijão. A reprodução geralmente começa com a construção do ninho em árvores altas ou palmeiras. A espécie é encontrada em uma ampla variedade de ecossistemas, predominando em regiões abertas e parques, onde é frequentemente observada caminhando no solo. No entanto, o Carcará é também um excelente planador (Horto Botânico, 2024). No PEVV, essa ave é avistada com frequência deslocando-se por diversos locais.

## 5. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste estudo, adotou-se uma abordagem multi-método, integrando observação *in loco*, análise de literatura relevante e imagens fotográficas de animais capturadas por câmeras de segurança, fornecidas pela *Soul Vila Velha*. O estudo foi estruturado em quatro etapas principais:

1. **Embasamento teórico:** Consistiu na consulta a bibliografia pertinente para fundamentar o estudo, abrangendo conceitos relacionados ao tema de pesquisa.
2. **Observação *in loco*:** Realizada pelas autoras, essa etapa envolveu visitas ao PEVV para observar diretamente aspectos relevantes ao estudo, incluindo a interação dos visitantes com o ambiente e a fauna.
3. **Análise de estudos publicados:** Avaliação de pesquisas prévias, com destaque para o trabalho de Moreira *et al.* (2016), que investigou a percepção e o uso do parque pelos visitantes. Este estudo utilizou questionários aplicados com o auxílio de *tablets*, conduzidos durante finais de semana e feriados, em pontos estratégicos como o centro de visitantes, o final da trilha do bosque e o ponto de ônibus na área dos Arenitos. No total, 380 formulários foram aplicados. Entretanto, os dados específicos sobre a observação de animais não foram explorados em profundidade, diferentemente do foco deste artigo.
4. **Imagens:** Os registros noturnos foram obtidos através das câmeras de segurança da UC, oferecendo uma visão complementar sobre a presença e as atividades dos animais no parque.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa confirmou a viabilidade da observação da fauna em diversos momentos e atrativos da UC. Durante as visitas diurnas, há uma maior possibilidade de encontrar pegadas de animais. Na observação *in loco*, foi possível identificar estratégias de comunicação, como os painéis interpretativos que destacam a biodiversidade e geodiversidade do parque, contribuindo para melhorar a experiência dos visitantes. Um desses painéis, por exemplo, é dedicado às pegadas dos animais da região (Figura 7).

**Figura 7 - Painel interpretativo evidenciando pegadas dos animais que podem ser encontradas nos Campos Gerais, e eventualmente no PEVV**



Fonte: Fernanda Haura, 2023

A pesquisa sobre o uso público e a satisfação dos visitantes, que contou com 380 respondentes, revelou que a principal motivação para a visita à UC era conhecer a paisagem (60,4%), seguida por momentos de lazer com família e amigos (26,5%) e a busca por contato com a natureza e ar puro (23,9%). Apenas dezesseis pessoas, dentro da categoria "outras motivações" (4,2% do total), mencionaram o interesse em ver os animais.

Em relação à sensação de medo ou insegurança durante as trilhas, 94,4% dos visitantes afirmaram não ter experimentado tais sentimentos. Dos 5,6% que relataram algum receio, 1,1% mencionou o medo de ataques por animais de grande porte, e 0,5% indicaram preocupação com animais peçonhentos. Quanto ao avistamento de animais no parque, 86,6% dos entrevistados confirmaram ter observado alguma espécie. Os avistamentos mais frequentes incluíram pássaros (67,1%) e lagartos teiú (*Tupinambis merianae*) (30,8%). Na categoria "outros", foram mencionados escorpiões (1,9%), borboletas (1,3%), corujinhas (0,3%), insetos (0,3%), taturanas brancas (0,3%) e vagalumes (0,3%), conforme detalhado na Tabela 1.

**Tabela 1 - Animais avistados no Parque Estadual de Vila Velha**

Animal	Porcentagem
Pássaros	67,1%
Lagarto teiú ( <i>Tupinambis merianae</i> )	30,8%
Serelepe/esquilo ( <i>Sciurus aestans</i> )	17,9%
Carcará ( <i>Caracara plancus</i> )	5%
Cobras	3,2%
Veado-catingueiro ( <i>Mazama gouazoubira</i> )	2,4%
Cateto ( <i>Tayassu tajacu</i> )	2,1%
Peixes	1,8%
Andorinhões ( <i>Streptoprocne biscutata</i> , <i>S. zonaris</i> )	1,1%
Quati ( <i>Nasua nasua</i> )	0,3%
Outros	4,7%
Não vi animais	13,4%

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Moreira *et al.*, 2016

É importante destacar que alguns formulários foram aplicados a participantes da caminhada noturna, onde a possibilidade de avistar animais de maior porte é aumentada. Os visitantes são orientados a permanecer nas trilhas para evitar acidentes ou encontros com animais peçonhentos, como cobras e escorpiões, que possuem hábitos noturnos. De fato, 1,9% dos entrevistados relataram ter visto escorpiões, e 3,2% relataram avistamentos de cobras.

Os guias alertam sobre a importância de não usar lanternas ou celulares, para evitar perturbações aos animais noturnos. Durante a caminhada noturna, utiliza-se iluminação vermelha, que é isenta de raios ultravioleta, minimizando o impacto sobre a

fauna. É possível ouvir anfíbios e corujas com frequência, e, ocasionalmente, avistar catetos e lobos-guarás.

Entre 2022 e 2023, o monitoramento por câmeras de segurança permitiu avistar alguns animais durante a noite com maior facilidade e frequência, especialmente no período em que essas espécies estão mais ativas em busca de alimento. Os registros apresentados na Figura 8 mostram a presença de animais como capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), gato-do-mato (*Puma yagouaroundi*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) e até mesmo puma/onça-suçuarana (*Puma concolor*) na área do parque.

**Figura 8 - Registros noturnos de animais no Parque Estadual de Vila Velha**

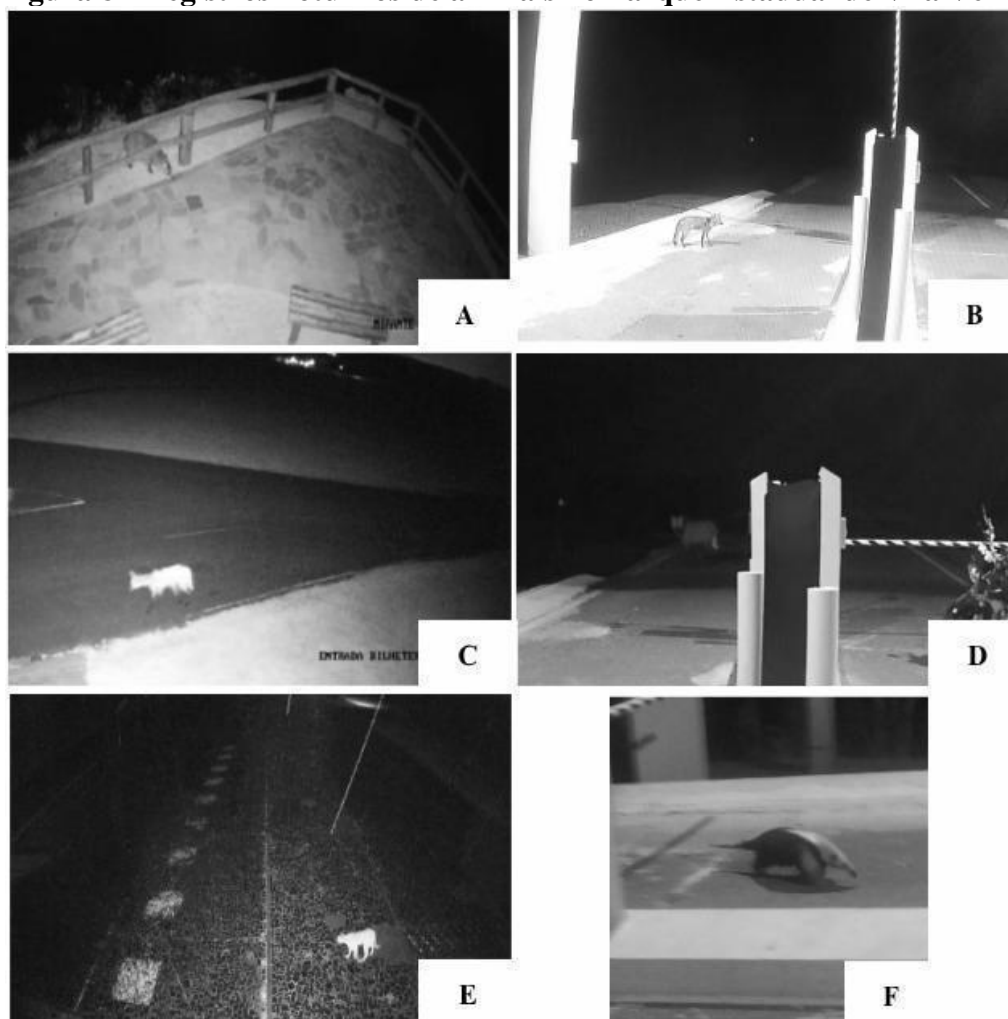


Figura 8A - Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) no mirante da Lagoa Dourada. (23/06/2022)

Figura 8B - Jaguarundi (*Puma yagouaroundi*), também conhecido como Gato Mourisco ou Gato do Mato próximo a portaria. (02/08/2022)

Figura 8C - Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) passando em frente a loja localizada no Centro de Visitantes. (28/02/2022)

Figura 8D - Registro do Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) na portaria. (23/06/2022)

Figura 8E - Onça-suçuarana (*Puma concolor*) passando pelo estacionamento. (01/06/2022)

Figura 8F - Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) passando pela portaria. (07/03/2023)

Fonte: Soul Vila Velha (2023)

Os registros de animais captados pelas câmeras de segurança revelam uma discrepância entre as espécies documentadas e aquelas reportadas pelos visitantes. Embora esses registros corroborem as informações presentes no Plano de Manejo da UC, evidenciam a presença de animais que os visitantes raramente relatam terem avistado. É importante reconhecer que esses animais habitam a região, mas compreender que os registros são considerados raros. A ausência de convivência com humanos pode tornar esses animais mais reclusos, sentindo-se ameaçados pela presença de visitantes, o que dificulta a observação direta.

Compreende-se que o público que visita o parque pode ser diferente daquele dedicado à observação de fauna. Os observadores de fauna já são praticantes dessa atividade e estão cientes das adversidades, demonstrando, em geral, cautela e cuidado na sua execução. Dessa forma, os potenciais impactos da observação de fauna são minimizados, uma vez que os grupos de observadores tendem a ser pequenos e discretos. Essa abordagem silenciosa e reservada é essencial para avistar a fauna, pois qualquer barulho, movimento ou presença humana ostensiva pode ser prejudicial aos animais e à própria prática de observação, já que os animais geralmente evitam o contato visual com seres humanos. Quando planejada, a observação de fauna é uma das atividades de ecoturismo com menor impacto negativo na natureza. No entanto, alguns impactos podem ocorrer, como o afugentamento de animais devido a barulhos, compactação do solo nas trilhas e vazamento de óleo ou combustível em áreas de observação aquática.

Em relação aos riscos, a ABETA (2024) destaca que os observadores de fauna podem estar expostos a acidentes, como torções, picadas de animais peçonhentos ou ataques de felinos em ambientes terrestres, ou ataques de animais aquáticos durante a observação nesse ambiente. Para evitar esses riscos, é fundamental o conhecimento prévio sobre o local e a promoção da interpretação ambiental.

No PEVV, a interpretação ambiental sobre a fauna é conduzida por guias e monitores de trilha, que recebem os visitantes e os acompanham durante o percurso. Esses profissionais, juntamente com os painéis interpretativos ao longo das trilhas, fornecem informações importantes sobre a fauna local. Durante as explicações, além da interpretação do patrimônio natural, são compartilhadas informações específicas sobre os animais que habitam o parque, corroborando as observações de Caetano *et al.* (2018) sobre o potencial das estratégias de comunicação para promover a sensibilização ambiental.

Durante a visita ao PEVV, é feita uma distinção entre as espécies raramente observadas e aquelas frequentemente avistadas, com ênfase nas ocorrências de cobras. Instruções específicas são fornecidas aos visitantes sobre os procedimentos a adotar em caso de encontros com esses animais, visando à segurança tanto dos indivíduos quanto dos animais. Adicionalmente, o parque conta com o suporte de guias e monitores experientes, e as trilhas estão equipadas com placas de sinalização e interpretativas. Essas placas alertam sobre a possível presença de animais peçonhentos, conforme ilustrado na Figura 9, e servem como ferramentas preventivas para os visitantes.

**Figura 9: Placa de sinalização sobre a presença de animais peçonhentos**

Fonte: Fernanda Haura (2023)

No local, há painéis interpretativos sobre a onça-suçuarana (*Puma concolor*) (Figura 10A) e o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) (Figura 10B), ambos situados no núcleo Arenitos. Esse núcleo recebe o maior número de visitantes, devido às suas formações rochosas. Nesse contexto, entende-se que a maioria dos visitantes da UC visualiza essas placas e adquire conhecimento adicional, complementando as informações fornecidas anteriormente pelos guias e monitores.

**Figura 10: Placa de interpretação ambiental sobre a Suçuarana e o Logo-guará**

Figura 10A: Painel de interpretação ambiental exibindo informações sobre a onça-parda (*Puma concolor*), também conhecida localmente como “Suçuarana”. O painel destaca características biológicas, hábitat e esforços de conservação associados a esta espécie.

Figura 10: Painel de interpretação ambiental detalhando o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), focando na ecologia, comportamento e medidas de proteção.

Fonte: Fernanda Haura (2023)

Conforme os estudos de Moreira *et al.* (2017), o uso de painéis é atrativo para os visitantes, porém, devem ser posicionados em locais estratégicos. A adoção de ferramentas tecnológicas também pode ser um diferencial (Vale, Haura e Moreira, 2022). No entanto, essas ferramentas devem complementar a experiência turística, educativa e científica, sem descaracterizar as UC.

A criação dos mascotes do PEVV ressalta a importância e a necessidade de proteger as espécies que representam. Essa valorização contribui não apenas para a biodiversidade local, mas também abre oportunidades para práticas educacionais e para o desenvolvimento de *souvenirs* que podem ser comercializados na UC, como chaveiros e pelúcias.

A compreensão desses elementos destaca a necessidade de conservar as espécies simbolizadas pelos mascotes do parque, fortalecendo a biodiversidade local e facilitando a implementação de práticas educacionais voltadas para a sensibilização ambiental. Além disso, a divulgação dessas espécies por meio de *souvenirs* oferece uma vertente econômica. Essas atividades e produtos, ao mesmo tempo que geram receita, podem reforçar a mensagem de conservação junto ao público em geral.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No PEVV, as atividades de ecoturismo possibilitam a observação da fauna local. No entanto, o parque atualmente não dispõe de atrativos especificamente estruturados para otimizar essa prática. Há um potencial significativo para a expansão da observação de fauna, que poderia ser mais efetivamente aproveitado com a implementação de recursos interpretativos adicionais, a contratação de profissionais especializados e o desenvolvimento de projetos integrados a um plano de uso público que viabilize essa atividade.

A principal motivação dos visitantes do parque é a apreciação da paisagem, com foco predominante nos aspectos geológicos, o que valoriza a geodiversidade da área. Embora essa tendência de visitação reconheça a importância geológica do local, a inclusão de atividades adicionais poderia aprimorar a experiência dos visitantes. Nesse contexto, a observação de fauna representa um diferencial para o PEVV. No entanto, é essencial que qualquer atividade proposta seja cuidadosamente avaliada e esteja em conformidade com o Plano de Manejo.

Nas Furnas, a presença de uma espécie endêmica de peixe oferece uma oportunidade única para atividades interpretativas focadas nessa particularidade. Além disso, a revoada dos andorinhões, um espetáculo natural impressionante, poderia ser o ponto central de uma atividade de observação de aves desenhada especificamente para esse fim. Os próprios nomes das furnas – Furna dos Andorinhões e Furna dos Lambaris – fazem referência direta aos animais que habitam esses espaços, reforçando o vínculo entre a biodiversidade local e o potencial turístico.

Expandir a oferta de atividades turísticas não apenas estimula a economia local, mas também apoia estratégias de conservação ambiental. A instalação de câmeras em locais estratégicos, como comedouros para aves, é uma sugestão adicional que poderia beneficiar tanto a pesquisa científica quanto promover a sensibilização sobre a importância ecológica da UC.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à *Soul Vila Velha*, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Universidade de West Virginia (EUA) pelo apoio a esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABETA. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Wildlife watching*. 2023. Disponível em: <https://abeta.tur.br/en/atividades/wildlife-watching/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ABETA. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Observação da vida silvestre*. Disponível em: <https://abeta.tur.br/pt/atividades/observacao-da-vida-silvestre/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

ARTONI, R. F.; ALMEIDA, M. C. A singular diversidade dos peixes dos Campos Gerais do Paraná: uma visão genética para a abordagem conservacionista da região. In: DITZEL, C. H.; SAHR, C. C. L. (Org.). *Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*. Ponta Grossa: EDUEPG, 2001.

BIOFACES. *Our blog*. Disponível em: <https://blog.biofaces.com/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 18 jul. 2000. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19985.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm). Acesso em: 23 jun. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Ecoturismo: orientações básicas*. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRUMATTI, P. N. M. O papel do turismo de observação da vida selvagem para a conservação da natureza. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v. 6, n. 4, p. 191-206, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6377/4071>. Acesso em: 02 fev. 2023.

CABLE, T. T.; UDD, E. Therapeutic benefits of a wildlife observation program. *Therapeutic Recreation Journal*, v. 22, n. 4, p. 65-70, 1988.

CAETANO, A. C.; GOMES, B. N.; JESUS, J. S.; GARCIA, L. M.; REIS, S. T. (Org.). *Interpretação ambiental em Unidades de Conservação Federais*. Brasília: ICMBio, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/interpretacao-ambiental-nas-unidades-de-conservacao-federais.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2022.

CURTIN, S. Wildlife tourism: the intangible, psychological benefits of human-wildlife encounters. *Current Issues in Tourism*, v. 12, n. 5-6, p. 451-474, 2009.

GUIMARÃES, G. B.; MELO, M. S.; PIEKARZ, G. F.; MOREIRA, J.C.; LICCARDO, A.; MOCHIUTTI, N. F. Geoparque dos Campos Gerais (PR): proposta. In: SCHOBENHAUS, C.; SILVA, C. R. (Eds.). *Geoparques do Brasil: propostas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Serviço Geológico do Brasil, 2012. p. 617-646. Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/17151/1/camposgerais.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024.

HAURA, F. K. Uso público e turismo no Parque Estadual de Vila Velha, no Paraná, Brasil: contribuições para um novo plano de manejo. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/70104>. Acesso em: 02 fev. 2024.

HORTO BOTÂNICO. *Caracara plancus*. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/hortobotanico/aves/Caracaplancus.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.

IAP. Instituto Ambiental do Paraná. *Plano de manejo do Parque Estadual de Vila Velha*. Curitiba: IAP, 2004. Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Plano-de-Manejo-Parque-Estadual-de-Vila-Velha>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MELO, M. S. Lagoa Dourada, PR - fuma assoreada do Parque Estadual de Vila Velha. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D.A.; QUEIROZ, E.T.; WIGE, M.; BERBERT-BORN, M.L.C. (Ed.). *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*. 1. ed. Brasília: DNPM/CPRM - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), 2002. p. 289-298.

MELO, M. S. de.; BOSETTI, E. P.; GODOY, L. C.; PILATTI, F. Vila Velha, PR - impressionante relevo ruiforme. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D.A.; QUEIROZ, E.T.; WINGE, M.; BERBERT-BORN, M.L.C. (Ed.). *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*. Brasília: DNPM/CPRM - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), 2002. p. 269-277.

MELO, M. S. de.; COIMBRA, A. M. Ruiform relief in sandstones: the examples of Vila Velha, Carboniferous of the Paraná Basin, Southern Brazil. *Acta Geologica Hispanica*, p. 25-40, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/3d35066a-0565-4f83-b4f1-06633a89adb7/1189741.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MELO, M. S. de.; GIANNINI, P. C. F.; PESSENDA, L. C. R. Gênese e evolução da Lagoa Dourada, Ponta Grossa, PR. *Revista do Instituto Geológico*, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://ppegeo.igc.usp.br/index.php/rig/article/view/8881/8147>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MELO, M. S. de.; GODOY, L. C.; MENEGUZZO, P. M.; SILVA, D. J. P. da. A geologia no plano de manejo do Parque Estadual de Vila Velha, PR. *Revista Brasileira de Geociências*, v. 34, p. 561, 2004. Disponível em: [http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/598/ARTIGO\\_GeologiaPlanoManejo.pdf?sequence=1](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/598/ARTIGO_GeologiaPlanoManejo.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 abr. 2023.

MOREIRA, J. C.; FOLMANN, A.; SANTOS, F. F. dos.; MACIEL, J. P.; HAURA, F.; BURNS, R. C. COUTINHO, G. C. T. P. Relatório final turismo, uso público e a percepção dos visitantes: coleta de dados e pesquisa em áreas protegidas - Parque Estadual de Vila Velha. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

MOREIRA, J. C.; HAURA, F. K.; BURNS, R. C.; CAIRES, A. M. Perfil, percepção dos visitantes e a observação de animais silvestres: estudo de caso do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha-PE. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 9, jan./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/13867/19805>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MOREIRA, J. C.; VALE, T. F. do; FOLMANN, A. C.; MAIO, C. A.; ALBACH, V. M.; BURNS, R. A percepção do visitante sobre os meios interpretativos do Parque Estadual de Vila Velha (PR). In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PATRIMÔNIO GEOLÓGICO, 4.; ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE PATRIMÔNIO GEOLÓGICO E GEOCONSERVAÇÃO, 2., 2017, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: GUPE, 2017. p. 542-456.

MELLO-LEITÃO, C. L. *Zoogeografia do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1947.

NPS. National Parks Service. *Watching wildlife*. Disponível em: <https://www.nps.gov/subjects/watchingwildlife/index.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PARANÁ. Lei nº 1.292, de 12 de outubro de 1953. Cria, no município de Ponta Grossa, nas terras denominadas “Vila Velha” e “Lagôa Dourada”, um parque estadual. Curitiba, 1953. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Lei/1953/lei\\_1292\\_1953\\_parqueestadualvilavelha\\_pr.pdf](https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Lei/1953/lei_1292_1953_parqueestadualvilavelha_pr.pdf). Acesso em: 11 jan. 2022.

SANTOS, E. F. dos.; MOREIRA, J. C. Interpretação ambiental e impactos em trilhas: a Trilha dos Arenitos no Parque Estadual de Vila Velha (PR). *Turismo, Sociedade & Território*, v. 5, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revtursoter/article/view/31733>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SHIBATTA, O. A.; ARTONI, R. F. Sobre a identidade das populações alopátricas de *Astyanax* (Characiformes, Characidae) das formações furna 1 e furna 2 do Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. *Publicatio UEPG: Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/biologica/article/view/410>. Acesso em: 23 jun. 2024.

THE WILDLIFE TRUSTS. Disponível em: <https://www.wildlifetrusts.org/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

UNEP; CMS. United Nations Environment Programme; Convention on Migratory Species. *Wildlife watching and tourism: a study on the benefits and risks of a fast growing tourism activity and its impacts on species*. 2006. Disponível em: [https://www.cms.int/sites/default/files/publication/cms\\_pub\\_pop-series\\_wildlife\\_watching-tourism\\_e.pdf](https://www.cms.int/sites/default/files/publication/cms_pub_pop-series_wildlife_watching-tourism_e.pdf). Acesso em: 05 abr. 2023.

VALE, T. F. do.; HAURA, F. K.; MOREIRA, J. C. Uso público e a interpretação em Unidades de Conservação: a valorização dos aspectos geológicos do Parque Estadual de Vila Velha (Ponta Grossa, Paraná, Brasil). In: CARNEIRO, V. A. (Org.). *Geodiversidade: envolvimento e experiências*. Anápolis: SAMA - Solo, Água e Meio Ambiente, 2022. p. 8-33. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/685/o/Geodiversidade\\_2022\\_e-book.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/685/o/Geodiversidade_2022_e-book.pdf). Acesso em: 02 fev. 2024.

VIDAL, M. D.; SANTOS, P. M. C.; CHAVES, M. P. S. R.; MOREIRA, J. C.; BURNS, R. C. Understanding the factors that influence visitor perceptions regarding tourism with Amazon River dolphins in Anavilhanas National Park, Amazonas, Brazil. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 173-196, 2021. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/950/pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.